

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
LICENCIATURA EM LETRAS - PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA
PORTUGUESA**

WILLIAM VIERA LARRUSCAHIM

**CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS DE ALUNOS E PROFESSORES DA EJA
SOBRE A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

**Bagé
2022**

WILLIAM VIERA LARRUSCAHIM

**CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS DE ALUNOS E PROFESSORES DA EJA
SOBRE A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Taíse Simioni

**Bagé
2022**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

L334c Larruscahim, William

CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS DE ALUNOS E
PROFESSORES DA EJA SOBRE A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O
ENSINO DE LÍNGUA

PORTUGUESA / William Larruscahim.

52 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-
Universidade Federal do Pampa, LETRAS - PORTUGUÊS E
LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 2022.

"Orientação: Taise Simioni".

1. Crenças e Atitudes Linguísticas. 2.
Ensino de Língua Portuguesa. 3. Variação linguística.
I. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Pampa

WILLIAM VIERA LARRUSCAHIM

**CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS DE ALUNOS E PROFESSORES DA EJA
SOBRE A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Letras - Português e
Literaturas de Língua Portuguesa, da Universidade
Federal do Pampa, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 22 de março de 2022.
Banca examinadora:

Profa. Dra. Taíse Simioni
Orientadora
(UNIPAMPA)

Profa. Dra. Hélen Cristina da Silva
(UNIPAMPA)

Profa. Dra. Isabel Cristina Ferreira Teixeira
(UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **TAISE SIMIONI, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 23/03/2022, às 09:24, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ISABEL CRISTINA FERREIRA TEIXEIRA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 23/03/2022, às 17:10, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **HELEN CRISTINA DA SILVA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 23/03/2022, às 19:29, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0762112** e o código CRC **6061DF93**.

Referência: Processo nº 23100.005031/2022-48 SEI nº 0762112

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus que sempre esteve comigo nessa trajetória acadêmica, de estudos e de pesquisas.

Ao meu pai e à minha mãe que durante todo o percurso de estudos me apoiaram de muitas maneiras e me incentivaram a alcançar aquilo que eu desejava.

À minha orientadora e professora Taíse Simioni que me ensinou muito a me imaginar futuro professor da Educação Básica através de seu exemplo de profissionalismo e dedicação ao trabalho docente, principalmente em temas relacionados ao ensino de Língua Portuguesa e que me proporcionou excelentes orientações.

Ao Projeto de Pesquisa Variação Linguística: ensino, descrição e formação de professores, que me permitiu refletir sobre diversas discussões em temas referentes à relação da Sociolinguística e do ensino de língua materna. Também agradeço pela oportunidade de leituras de textos teóricos, pesquisas relacionadas ao ensino de LP, discussões e reflexões com os membros que participaram do Projeto junto a mim, que me permitiram pensar muito sobre a importância da prática docente.

À minha professora parecerista Helen Cristina, que contribuiu muito com suas considerações pertinentes ao trabalho realizado.

Às minhas professoras e aos meus professores de curso que me ensinaram de diversas formas sobre a prática docente e sua relevância social.

Ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pela bolsa de Iniciação Científica investida a mim.

Sou muito grato a todos e todas que participaram dessa minha jornada.

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo acerca de crenças e atitudes linguísticas de professores e alunos da EJA (Educação de Jovens e Adultos) sobre a relação entre a variação linguística e o ensino de Língua Portuguesa. É importante o olhar de um estudo como esse, uma vez que é muito predominante ainda a noção da língua materna ser uma língua homogênea no contexto escolar. Sendo assim, este trabalho busca apresentar e analisar as crenças e atitudes linguísticas de professores e alunos da EJA quanto à variação linguística e ao ensino de Língua Portuguesa. Para fundamentar o trabalho, como embasamento principal sobre a variação linguística, está a Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008[1972]). Em relação à sociolinguística educacional, Bortoni-Ricardo (2004), Cyranka (2015) e Coelho *et al.* (2020) trazem a discussão de importantes contribuições que os estudos da Sociolinguística têm proporcionado ao ensino de Língua Portuguesa. Além do mais, para fundamentar o trabalho a respeito de crenças e atitudes linguísticas, trazemos Barcelos (2006), Lambert e Lambert (1968), Moreno Fernández (1998) e Cyranka (2021). Como metodologia de trabalho, esse estudo consiste na aplicação de questionários específicos para uma professora e onze alunos da EJA, em uma escola estadual na cidade de Rosário do Sul - RS. Os questionários contêm questões dissertativas a respeito de crenças e atitudes linguísticas sobre variação linguística e ensino de Língua Portuguesa, e as perguntas foram pensadas para a possibilidade de respostas mais abertas, no sentido de se realizar uma análise qualitativa dos dados coletados. Os resultados obtidos apontam que, de uma maneira geral, está bem presente a crença de o Português Brasileiro ser uma língua homogênea, principalmente através de respostas que denotam noções de “certo” e “errado” dentro da língua materna. Em relação às atitudes linguísticas, diante de situações com o uso de variantes consideradas não padrão, os participantes forneceram respostas variadas, com justificativas diversas, avaliando o uso dessas variantes de maneira negativa ou positiva. Com isso, destaca-se a importância do debate a respeito de crenças e atitudes linguísticas dentro do contexto escolar, de modo a proporcionar uma visão ampliada sobre a variação linguística no ensino de Língua Portuguesa.

Palavras-chave: crenças e atitudes linguísticas; variação linguística; ensino de língua portuguesa; Educação de Jovens e Adultos.

ABSTRACT

This work presents a study on linguistic beliefs and attitudes of EJA (Educação de Jovens e Adultos) teachers and students about the relationship between linguistic variation and Portuguese Language teaching. A study such as this one is important, since the notion of the mother tongue being a homogeneous language is still very prevalent in the school context. Thus, this work intends to present and analyze the linguistic beliefs and attitudes of EJA teachers and students regarding linguistic variation and the teaching of Portuguese. The main foundation of this work is the Theory of Linguistic Variation and Change (LABOV, 2008[1972]). Regarding educational sociolinguistics, Bortoni-Ricardo (2004), Cyranka (2015), and Coelho *et al.* (2020) discuss important contributions that sociolinguistic studies have provided to the teaching of Portuguese. Moreover, to support the work on linguistic beliefs and attitudes, we bring Barcelos (2006), Lambert and Lambert (1968), Moreno Fernández (1998) and Cyranka (2021). As a work methodology, this study consists in applying specific questionnaires to a teacher and eleven EJA students, in a public school in the city of Rosário do Sul - RS. The questionnaires contain questions about beliefs and attitudes towards linguistic variation and Portuguese teaching, and the questions were designed to allow more open answers, in order to perform a qualitative analysis of the data collected. The results show that, in general, the belief that Brazilian Portuguese is a homogeneous language is very present, especially through answers that denote notions of "right" and "wrong" within the mother tongue. In relation to linguistic attitudes, when faced with situations involving the use of non-standard variants, the participants provided varied answers, with different justifications, evaluating the use of these variants negatively or positively. Thus, we highlight the importance of the debate about beliefs and linguistic attitudes within the school context, in order to provide a broader view of linguistic variation in Portuguese Language teaching.

Keywords: linguistic beliefs and attitudes; linguistic variation; Portuguese Language teaching; Educação de Jovens e Adultos.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Questão sobre o Português ser uma língua difícil.....	29
Figura 2 — Questão sobre o que é ter o domínio da Língua Portuguesa.....	30
Figura 3 — Questão sobre o que é gramática.....	31
Figura 4 — Questões sobre domínio da oralidade e escrita.....	32
Figura 5 — Quadro comparativo de respostas correspondentes à oralidade e à escrita.....	33
Figura 6 — Questão sobre adequação de uso de determinada expressão na fala e na escrita.....	35
Figura 7 — Questões sobre o nível de formalidade da modalidade de língua escrita em relação à modalidade de língua falada.....	37
Figura 8 — Questões sobre diferença de construções linguísticas na fala e na escrita.....	39
Figura 9 — Questões sobre atitudes linguísticas.....	40
Figura 10 — Questão sobre se o professor deve falar de acordo com a norma da gramática nas aulas de Língua Portuguesa.....	41
Figura 11 — Questões sobre a relação da variação linguística e do ensino de Língua Portuguesa.....	42

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
2.1 Sociolinguística.....	14
2.2 Crenças e Atitudes Linguísticas.....	16
2.3 Sociolinguística Educacional.....	21
3 METODOLOGIA.....	26
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	45
APÊNDICES.....	47

1 INTRODUÇÃO

A difusão dos ensinamentos associados aos “bons” usos da língua continua ainda predominante no ensino de Língua Portuguesa (LP) no Brasil, especificamente no que se refere àqueles usos condizentes com o que se expressa nas regras da gramática normativa. Com isso, é possível afirmar que, entre o senso comum, prevalece uma crença geral de que a única forma correta de Língua Portuguesa é aquela apresentada através de regras da gramática normativa.

Nesse sentido, outras variedades linguísticas, desconformes com a norma-padrão, acabam, muitas vezes, longe do trabalho escolar, ou pior, são condenadas por alguns professores e excluídas dos estudos de Língua Portuguesa. Esse contexto pode culminar na reprodução dos alunos, a partir do processo de ensino/aprendizagem, da crença de que existe somente uma forma de expressão linguística, implicando-lhes crerem que as demais variedades e variantes linguísticas são erradas e/ou feias.

Nesse contexto, este trabalho apresenta uma pesquisa com a temática das crenças e atitudes linguísticas, uma área de estudos da Sociolinguística, sobre a variação linguística e o ensino de Língua Portuguesa, a partir da perspectiva de professores e alunos da EJA (Educação de Jovens e Adultos).

Sabe-se que a discussão de um estudo como esse é importante, sobretudo em relação à variação linguística, porém esse assunto ainda não é muito estudado. Realizar esse debate é essencial para as discussões relacionadas ao ensino de Língua Portuguesa, uma vez que amplia a concepção do que é de fato a língua que os estudantes e professores falam e como eles devem conceber as diferentes variedades linguísticas. Dito isso, é importante

[...] trazer à discussão o papel da escola na construção de crenças e atitudes positivas dos alunos em relação ao uso que fazem de seu vernáculo¹, condição indispensável para que se empenhem no trabalho de ampliar essa competência, tornando-se também competentes no uso das variedades cultas da língua que, indiscutivelmente, gozam de prestígio e, por isso mesmo, tornam-se exigência nas instâncias formais das atividades de letramento (CYRANKA, 2021, p. 154).

¹ Sob a perspectiva da sociolinguística laboviana, o vernáculo é considerado como o estilo de fala em que se tem o mínimo de monitoramento possível, ou seja, quando o falante utiliza a sua língua de maneira mais espontânea (LABOV, 2008[1972], p. 244).

De igual maneira, também é importante a discussão desse tema no âmbito da pesquisa na EJA, visto que este nível escolar permanece ainda marginalizado. O contexto da implementação da EJA, e as concepções que a inspiraram na década de 1960, em um momento de profunda miséria, exclusão e luta por direitos fundamentais, continuam com esses aspectos “tão atuais que não perderam a sua radicalidade”, já que os jovens e adultos populares permanecem num contexto de realidade de exclusão e marginalização (ARROYO, 2008, p. 223).

Dessa forma, o presente trabalho busca apresentar e analisar as crenças e atitudes linguísticas de uma professora e de alunos da EJA quanto à variação linguística no ensino de Língua Portuguesa. Vale ressaltar que este estudo não pretende avaliar as crenças e atitudes dos participantes da pesquisa, mas, sim, ampliar o conhecimento sobre essa área, a fim de trazer contribuições para inovações no campo de ensino de língua materna.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste trabalho consiste na aplicação de questionários para uma professora e alunos da EJA, em uma escola estadual da cidade de Rosário do Sul - RS, com perguntas relacionadas às suas crenças e atitudes quanto à variação linguística no ensino de Língua Portuguesa.

Apresentadas as considerações iniciais quanto à temática, aos objetivos e à justificativa do trabalho, passa-se à apresentação do embasamento teórico que fundamenta o presente estudo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A fundamentação teórica é dividida em três seções, compreendendo: alguns conceitos fundamentais para a Sociolinguística (seção 2.1); conceitos de crenças e atitudes linguísticas e sua relação com o ensino/aprendizagem de língua (seção 2.2); e a relação dos estudos sociolinguísticos com o ensino de língua (seção 2.3).

2.1 Sociolinguística

A língua, como elemento pertencente única e exclusivamente ao ser humano, constitui-se de natureza viva e dinâmica, e, por sua vez, também é intrínseca às sociedades, uma vez que não existe sistema linguístico convencionado por somente um sujeito. Dessa maneira, vale afirmar que as línguas, como um todo, mudam ao decorrer do tempo, simultaneamente, enquanto variam num recorte temporal, compreendendo assim a variação linguística.

Dessa forma, como afirma Mollica (2017, p. 9), “todas as línguas apresentam um dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são heterogêneas”. Nesse sentido, é fundamental, também como compreensão de língua, o pressuposto de que todas as línguas variam, e variam nos mais diversos níveis de formalidade, campos sociais e níveis gramaticais, a saber: fonético-fonológico, morfológico, morfossintático, sintático, semântico e discursivo.

A partir dessa perspectiva, a Sociolinguística traz um importante olhar para o dinamismo da língua, voltando a atenção ao estudo da variação linguística, buscando compreender e sistematizar as mais diversas variantes e variedades linguísticas utilizadas nas comunidades de fala. A partir dos estudos sociolinguísticos, pode-se compreender a língua não como um conjunto de possibilidades aleatórias e sem qualquer regramento, mas como um sistema provido de variantes, que possuem regularidades e que podem ser sistematizadas (LABOV, 2008[1972]; MOLLICA, 2017).

A vertente da Sociolinguística que sustenta este trabalho é a Teoria da Variação e Mudança Linguística, também denominada Sociolinguística Laboviana. Esta última denominação se deve aos pioneiros estudos do linguista estadunidense William Labov. Um de seus estudos mais conhecidos é a pesquisa realizada, em

1962, na ilha de Martha's Vineyard, localizada nos Estados Unidos. A partir desse estudo, Labov (2008[1972]) mostra que há, entre os falantes da ilha, três possíveis realizações para os ditongos /ay/ e /aw/: [ay], [əy] e [ey], para o ditongo /ay/, e [aw], [əw] e [ew], para o ditongo /aw/. Concluindo suas observações, Labov pontua a identidade como um dos principais condicionamentos das diferentes realizações, em que o fator de sentimento de maior pertencimento à ilha, por uma parcela dos residentes, por exemplo, favorecia mais a realização de determinado fonema, tomado como característico da fala da região.

Os estudos da Sociolinguística preocupam-se em “investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação [...]”, conforme apresenta Mollica (2017, p. 11), buscando pesquisar e interpretar variáveis linguísticas, avaliando os possíveis condicionadores que levam às diferentes realizações na língua em uso social. Sobre os condicionadores, a autora explica que “os condicionamentos que concorrem para o emprego de formas variantes são em grande número, agem simultaneamente e emergem de dentro ou de fora dos sistemas linguísticos” (MOLLICA, 2017, p. 11). Tais condicionadores, na Sociolinguística, dividem-se em duas categorias: condicionadores internos e condicionadores externos à língua.

Condicionadores podem ser interpretados como os fatores que levam os falantes a utilizarem uma ou outra variante linguística (COELHO *et al.*, 2020, p. 32). Os condicionadores internos à língua, também chamados de condicionadores linguísticos, são aqueles que influenciam as possíveis realizações de variantes no tocante puramente às próprias construções linguísticas, nos diferentes níveis gramaticais. Um exemplo disso é a variação da concordância verbal, em que a variável linguística posição do sujeito em relação ao verbo constitui-se como um condicionador da realização ou não da concordância, sendo aquela mais provável em sujeito anteposto ao verbo, ao passo que esta é mais provável em sujeito posposto ao verbo.

Já, os condicionadores externos, que podem ser também conhecidos como condicionadores sociais ou extralinguísticos, “encontram-se fora da estrutura da língua” (COELHO *et al.*, 2020, p. 38). Como exemplo disso, um dos condicionadores externos que influencia a variação de concordância verbal, por exemplo, é o de escolaridade. Assim, a realização da marca da concordância é favorecida quanto maior for o nível de escolaridade do falante.

Ainda a respeito dos condicionadores externos à língua (condicionadores extralinguísticos), outros podem ser mencionados, como, por exemplo, idade, sexo/gênero, nível socioeconômico. É importante ressaltar que esses condicionadores agem em conjunto no sentido de cocorrerem forças inibidoras ou favorecedoras aos usos linguísticos que possuam variação (MOLLICA, 2017). A exemplo disso, “agentes como escolarização alta, contato com a escrita, com os meios de comunicação de massa, nível socioeconômico alto e origem social alta concorrem para o aumento na fala e na escrita das variedades prestigiadas [...]” (MOLLICA, 2017, p. 27).

Para a Teoria da Variação e Mudança Linguística, o papel do estudo dos condicionadores é fundamental para a compreensão, sistematização e até possível previsão de mudança linguística. Sobre isso, Mollica (2017, p. 27) afirma que,

Como já sabemos, a variação linguística é uma das características universais das línguas naturais que convive com forças de estabilidade. Aparentemente caótica e aleatória, a face heterogênea imanente da língua é regular, sistemática e previsível, porque os usos são controlados por variáveis estruturais e sociais. Eles podem ser agentes internos ou externos ao sistema linguístico (MOLLICA, 2017, p. 27).

Sendo assim, é importante ressaltar a relação entre os estudos sociolinguísticos e os estudos de crenças e atitudes linguísticas, uma vez que com o estudo de crenças linguísticas pode-se visualizar diferentes formas de percepção e avaliação da própria língua materna do falante, incluindo noções de língua homogênea ou heterogênea, noções também estudadas na sociolinguística.

2.2 Crenças e Atitudes Linguísticas

Aproximadamente na década de 1980, no exterior, surgem pesquisas relacionadas às crenças sobre aprendizagem de línguas. No Brasil, as investigações com esse tema têm início um pouco mais à frente, por volta dos anos 1990, por meio de alguns trabalhos apresentados em um congresso da ALAB (Associação de Linguística Aplicada do Brasil). A partir disso, a quantidade dos estudos relacionados ao tema tem crescido, apontando “a importância desse conceito no Brasil e o crescente interesse por ele” (BARCELOS, 2004, p. 124).

Aliado aos estudos de crenças relacionadas à língua, tem estado presente também o conceito de atitudes, tomando-se, por algumas vezes, ambos os elementos como um só fenômeno, conforme visto em alguns trabalhos sobre crenças e atitudes (BOTASSINI, 2015). Portanto, importa a este trabalho separar crenças de atitudes, apresentando os conceitos pertinentes que diferenciam um termo do outro, tecendo considerações que apontem as suas relações entre si e com a língua, bem como a relação desses fenômenos com o ensino/aprendizagem em línguas.

Em primeiro lugar, cabe salientar que o estudo de crenças teve seu início no campo da Psicologia Social. Desde então, muitos trabalhos expressam o conceito de crenças em diferentes vertentes teóricas, submetendo sua concepção a diferentes perspectivas. A teoria de crenças que embasa o presente trabalho está de acordo com o que afirma Barcelos (2004; 2006; 2007). Para a autora, “o conceito de crenças é tão antigo quanto nossa existência, pois desde que o homem começou a pensar, ele passou a acreditar em algo” (BARCELOS, 2007, p. 113). A autora entende as crenças

como uma forma de pensamento, construções da realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, co-construídas em nossas experiências resultantes de um processo interativo de interpretação e (re)significação. Como tal, crenças são sociais (mas também individuais), dinâmicas, contextuais e paradoxais (BARCELOS, 2006, p. 18).

No contexto social, as crenças não são estanques, mas também atravessadas por modificações e ressignificações, “à medida que interagimos e modificamos nossas experiências, e somos, ao mesmo tempo, modificados por elas” (BARCELOS, 2007, p. 114). Dessa forma, por surgirem nesse contexto de interação e na relação com os grupos sociais, “as crenças incorporam as perspectivas sociais”. Esse processo de mudança e ressignificação de crenças não é essencialmente imediato, contudo está relacionado e condicionado a fatos ocorridos no passado ou a temas difundidos pela mídia, por exemplo.

Crenças, em sua natureza, são estruturadas em diferentes níveis, o que torna ainda mais complexo o seu processo de mudança. Coexistem entre as crenças as tidas como mais centrais e as consideradas como mais periféricas, sendo aquelas mais resistentes à mudança que estas. As crenças centrais estão mais relacionadas à identidade do indivíduo; possuem uma maior intensidade de interconexão com

outras, o que gera assim mais influência sobre outras crenças; são bastante compartilhadas entre indivíduos; e “derivam de nossa experiência direta” (BARCELOS, 2007, p. 117). Já, as crenças periféricas estão relacionadas mais aos gostos, têm menos conexões entre si e não estão diretamente relacionadas à emoção.

No que diz respeito às atitudes, os estudos indicam que elas surgem a partir das crenças (CYRANKA, 2021). Segundo Lambert e Lambert (1968, p. 77-78), atitude é definida como “uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante”. Pode-se afirmar também que a atitude se firma quando seus componentes essenciais - pensamentos, crenças, sentimentos (ou emoções) e tendências de reação – encontram-se e estabelecem inter-relação mútua entre si, resultando em “sentimentos e tendências reativas específicas”, de tal maneira que permanecem coerentes ao modo de se pensar perante pessoas ou acontecimentos.

É importante salientar a relação que se constrói entre crenças e atitudes, uma vez que são as crenças que determinarão o comportamento dos indivíduos (BOTASSINI, 2015, p. 117). A partir dos elementos presentes nas crenças, que são os valores, os julgamentos, as opiniões sobre pessoas ou coisas, esses mesmos elementos “carregados de informações e de sentimentos, [...], vão produzir atitudes”, atitudes essas que poderão estar relacionadas à língua.

Atitude sobre a língua ou atitude linguística consiste, segundo Moreno Fernández (1998, p. 179-180), em “una manifestación de la actitud social de los individuos, distinguida por centrarse y referirse específicamente tanto a la lengua como al uso que de ella se hace en sociedad”. Cabe salientar, conforme o autor, que atitudes, em relação à língua, estão nos mais diversos níveis de variação linguística: “actitudes hacia estilos diferentes, sociolectos diferentes, dialectos diferentes o lenguas naturales diferentes”.

Labov (2008), retomando o estudo de crenças e bilinguismo, de Lambert e Lambert (1968), chama a atenção para o principal resultado de tal estudo, segundo o qual “existe um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem que são compartilhadas por quase todos os membros da comunidade de fala, seja no uso de uma forma estigmatizada ou prestigiada da língua em questão” (LABOV, 2008[1972],

p. 176). Vale ressaltar que, no tocante ao que Labov afirma, Paiva (2017, p. 40) traz uma importante questão sobre as atitudes linguísticas frente às variantes estigmatizadas, ponderando que essas

possuem, muitas vezes, uma função de garantir a identidade do indivíduo com um determinado grupo social, um sistema de valores definido. Isso é, são formas partilhadas no interior de um grupo e assinaladoras de sua individualidade com relação a outros grupos sociais. Se um indivíduo deseja integrar o grupo, deve partilhar, além das suas atitudes e valores, a linguagem característica desse grupo. Nesse caso, determinadas formas de linguagem se investem de um *status* particular, embora sejam desprovidas de prestígio na comunidade linguística em geral (PAIVA, 2017, p. 40).

O que Labov (2008[1972]) e Paiva (2017) levantam sobre atitudes reforça a ideia de seu caráter social, pois resultam da influência de determinado grupo social sobre o indivíduo.

Por fim, ainda nesta seção, é necessário pontuar importantes aspectos no que diz respeito às crenças e atitudes linguísticas no ensino/aprendizagem de língua, sobretudo no tocante à variação linguística.

O tema de crenças e atitudes sobre o ensino/aprendizagem de línguas torna-se fundamental na concepção de ensino de Língua Portuguesa, uma vez que pode auxiliar numa perspectiva de ressignificação dos diversos fenômenos da língua, principalmente sobre aqueles condenados pela sociedade. Como é sabido, existe entre os falantes do Português Brasileiro (PB) a crença de uma estrutura de língua ideal que podemos tomar como norma-padrão. Além disso, a falta de clareza com relação aos conceitos de norma-padrão e norma culta, tomando ambas como iguais, pode ser a principal causa das equivocadas interpretações de certo e errado em PB: “A disciplina Língua Portuguesa ensinada nas escolas se ressentem dessa falta de clareza, o que, obviamente, tem contribuído para a construção de crenças e atitudes negativas de nossos alunos em relação a ela” (CYRANKA, 2021, p. 134).

Como exemplo de um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas na esfera escolar, há a dissertação de Costa (2019), em que são levantados pontos referentes às crenças e atitudes linguísticas de professores de LP a respeito do ensino da oralidade na escola. Entre os resultados alcançados, observou-se que existe o predomínio da crença de uma língua ideal baseada na reprodução da norma-padrão, sendo esta a que deva ser a norma mais ensinada nas aulas de Língua Portuguesa.

Conforme Cyranka (2021), a falta de um trabalho sistemático com práticas de letramento que permitam aos estudantes de LP desenvolverem sua competência de leitura e escrita na apropriação da norma culta, certamente, implica em atitudes negativas deles diante da sua própria competência de aprender as variedades prestigiadas (cultas). Essa discussão remete à noção de avaliação linguística. Para a autora, o “estudo da avaliação implica o das atitudes”, isso vale dizer que os falantes realizam julgamentos subjetivos tanto sobre seus próprios usos da língua, quanto sobre os usos que os outros fazem da língua, “ou mais especificamente, da variedade linguística que utilizam” (CYRANKA, 2021, p. 143). Diante disso, Cyranka (2021) também afirma que

A avaliação linguística é um dos itens que precisa passar a ter destaque nas discussões contemporâneas sobre o trabalho escolar com a língua materna, já que desencadeia o processo de construção de julgamentos subjetivos do falante em relação a sua língua, a seu dialeto e ao de seu interlocutor na construção das chamadas atitudes linguísticas (CYRANKA, 2021, p. 133).

Ainda no que diz respeito às atitudes e crenças, Cyranka (2021) chama a atenção para o fato de que as crenças dos alunos sobre a língua que falam resultam de uma longa construção do processo de ensino/aprendizagem, fruto tanto do que a eles é proporcionado nas aulas de LP, quanto do que está no nível da experiência para além do ambiente escolar (CYRANKA, 2021, p. 144). Dessa forma, para que se construam crenças e atitudes positivas dos alunos diante da própria língua que falam, os professores precisam estar a par de uma reflexão teórica satisfatória (CYRANKA, 2021). É necessário também investir em reflexões sobre as próprias crenças em sala de aula. Por fim, conforme enfatiza Barcelos (2004, p. 146),

Meu papel como professora, e como pesquisadora, não é julgar as crenças dos alunos só porque diferem das minhas ou do que os experts dizem. Meu papel é abrir a discussão sobre crenças em sala trazendo alternativas para os alunos e envolvendo-os na discussão de suas próprias crenças, num processo de reflexão, na tentativa de entender as crenças que nos cercam em nosso meio social, as consequências dessas crenças para nosso desenvolvimento como pessoas, como cidadãos, como professores e alunos. É importante que os alunos tenham a chance de analisar o que *eles* acham negativo em sua aprendizagem, em seus contextos, que os impeçam de ser autônomos e de ser aprendizes melhores. É importante que eles, juntamente com os colegas e com os professores, sejam capazes de se ver como agentes de sua própria aprendizagem (BARCELOS, 2004, p. 146).

Dessa forma, cabe ratificar a importância das contribuições que os estudos sociolinguísticos têm oferecido por meio de suas pesquisas e do debate, cientificamente fundamentado, para o ensino de língua portuguesa. Tais avanços permitem a discussão sobre o combate ao preconceito linguístico, bem como ampliam a possibilidade de os alunos transitarem entre os mais variados espaços sociais, democratizando o acesso destes à vida pública e plena, incluindo também nesse contexto o trabalho docente com a ressignificação e a reformulação de crenças e atitudes linguísticas trazidas e mantidas pelos estudantes e pela sociedade como um todo.

2.3 Sociolinguística Educacional

A Sociolinguística tem contribuído muito para com a educação em língua materna, no ensino básico. Pesquisas e debates sobre temas relacionados a essa área da Linguística têm levantado discussões que auxiliam na compreensão dos fenômenos linguísticos para a prática docente. Sobre o assunto, Cyranka (2015, p. 32) aponta que,

No Brasil, os estudos de muitos outros sociolinguistas têm repercutido no discurso das instâncias encarregadas de promover avanços na qualidade do ensino de nossa escola básica, haja vista o que vem sendo proposto, pelo menos aos poucos, para a incorporação da reflexão sociolinguística nos livros didáticos. De fato, já é exigência do PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) que se insiram [*sic*] neles alguma atividade relativa à questão da variação linguística (CYRANKA, 2015, p. 32).

Dessa forma, nesta seção, são desenvolvidas discussões que relacionam a Sociolinguística ao ensino de LP, como também as contribuições de seus estudos na disciplina de LP na educação básica.

O estudo da gramática normativa ainda está massivamente presente nas aulas de Língua Portuguesa (GÖRSKI; COELHO, 2009). Parece que ainda é esperado dos alunos que, na conclusão da educação básica, tenham o seu total domínio, inclusive avaliando esta como a melhor expressão de língua em relação às demais expressões linguísticas, que estão fora das regras normativas, ainda que os documentos oficiais de diretrizes para a educação orientem para um trabalho de ensino de LP de outra forma. Com isso, resiste a noção de “certo” e “errado” na estrutura linguística, em que se considera somente como “corretas” as construções

linguísticas realizadas dentro da gramática normativa. Assim, conseqüentemente, esse contexto contribui para a continuidade da prática do preconceito linguístico entre os falantes brasileiros.

A perspectiva variacionista do ensino de língua portuguesa tem permitido à educação em língua materna um olhar crítico a respeito das condenações, não raramente praticadas no meio social e escolar, aos usos de construções na língua tidos como “incorretos”. A adoção dessa perspectiva na sala de aula tem contribuído para o ensino de LP, na medida em que se possibilita ao educador observar as variedades linguísticas trazidas pelos seus alunos, além de apresentar outras variedades aos seus repertórios linguísticos, a fim de que esses discentes possam transitar nas diversas esferas sociais, sem que existam quaisquer condenações arbitrárias e sem embasamento científico à sua fala ou escrita, por parte do professor (cf. BORTONI-RICARDO, 2004; COELHO *et al.*, 2020; CYRANKA, 2021).

Além disso, Bortoni-Ricardo (2004, p. 37) ressalta as contribuições que os educadores, sobretudo educadores linguistas, têm dado ao ensino de LP, “mostrando que é pedagogicamente incorreto usar a incidência do erro do educando como oportunidade de humilhá-lo”. A pesquisadora ainda acrescenta que é necessário dar a devida importância a um trabalho pedagógico “sensível aos saberes dos educandos”, voltado “às diferenças entre a cultura que eles representam e a da escola”, e mostrando “ao professor como encontrar formas efetivas de conscientizar os educandos sobre essas diferenças” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 38).

Outra contribuição da Sociolinguística para a educação de língua é a discussão sobre a noção de normas. Por norma, Faraco (2008, p. 40) conceitua “o conjunto de fatos linguísticos que caracterizam o modo como normalmente falam as pessoas de uma certa comunidade”. Diante disso, coexistem, segundo o autor, três principais normas linguísticas, a saber: a norma-padrão, a norma culta e a norma *curta*.

A norma-padrão caracteriza-se como um sistema “relativamente abstrato”, a partir do qual se intenta aproximar-se de um máximo ideal de saber e uso linguístico, fazendo parte, portanto, de um projeto de “uniformização linguística” (FARACO, 2008, p. 73).

Quanto à norma *curta*, o linguista atribui principalmente aos grandes meios de comunicação, como também ao espaço escolar, a sua predominância e difusão. Esta norma valoriza uma forma de língua essencialmente purista e com preceitos de formas consideradas “certas” ou “erradas”, sendo essas formas “erradas” quase sempre associadas às variedades estigmatizadas.

Por fim, Faraco (2008) conceitualiza a norma culta como “o conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem habitualmente no uso dos falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita” (FARACO, 2008, p. 71). O autor também pontua a existência da variação na norma culta, a qual também pode ser considerada, por este motivo, como normas cultas, devido à sua heterogeneidade. Além disso, uma característica da norma culta é o fato de esta ser uma norma de prestígio entre os falantes (COELHO *et al.*, 2020).

Dessa forma, torna-se fundamental que o/a educador/educadora esteja consciente das diferentes normas, permitindo ao/à estudante, através de sua mediação, a apropriação plena de suas competências sociocomunicativas. Assim, é de real importância e é papel da escola

[...] ensinar a norma culta (e não a norma padrão e muito menos a norma curta), não no sentido de exigir que o aluno substitua uma norma (a dele, vernacular) por outra, mas no sentido de capacitá-lo a dominar outras variedades para que possa adequar seu uso linguístico a diferentes situações. É sempre importante lembrar que usar apenas uma variedade culta nas situações comunicativas que requerem diferentes estilos é tão inadequado (ou disfuncional) quanto usar apenas o vernáculo (tenha ele formas estigmatizadas ou não) (COELHO *et al.*, 2020, p. 141).

Com base no exposto, apresentamos algumas considerações pertinentes ao ensino de LP em relação ao tratamento da variação linguística em sala de aula, inseridas no seio dos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) e da BNCC (Base Nacional Comum Curricular), principais documentos norteadores e normatizadores do ensino de Língua Portuguesa no país brasileiro.

Nos PCN, em um trecho relacionado ao ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental, é levantada uma relevante questão acerca da variação linguística:

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em Língua Portuguesa está

se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. Embora no Brasil haja relativa unidade lingüística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades lingüísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala. Não existem, portanto, variedades fixas: em um mesmo espaço social convivem mescladas diferentes variedades lingüísticas, geralmente associadas a diferentes valores sociais. Mais ainda, em uma sociedade como a brasileira, marcada por intensa movimentação de pessoas e intercâmbio cultural constante, o que se identifica é um intenso fenômeno de mescla lingüística [...] (BRASIL, 1998, p. 29).

Por meio desse trecho, é possível concluir que um dos principais documentos norteadores da educação básica no Brasil concebe a língua de acordo com uma perspectiva variacionista, segundo a qual ela não se produz de maneira uniformizada, possuindo, por conseguinte, uma heterogeneidade intrínseca, já que, como o próprio excerto afirma, a variação “sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa”.

Ademais, a BNCC, sobre a variação lingüística no ensino de Língua Portuguesa, no nível do Ensino Fundamental (anos finais), enfatiza que é preciso “refletir sobre diferentes contextos e situações sociais em que se produzem textos orais e sobre as diferenças em termos formais, estilísticos e lingüísticos que esses contextos determinam, incluindo-se aí a multimodalidade e a multisssemiose” (BRASIL, 2018, p. 77). Outro aspecto pontuado pelo documento oficial, no que diz respeito a essa questão, é o que se expressa nos pontos sobre o tratamento da oralidade no ensino, trazendo inclusive o importante trabalho com a reflexão sobre as variedades lingüísticas na fala:

- Estabelecer relação entre fala e escrita, levando-se em conta o modo como as duas modalidades se articulam em diferentes gêneros e práticas de linguagem (como jornal de TV, programa de rádio, apresentação de seminário, mensagem instantânea etc.), as semelhanças e as diferenças entre modos de falar e de registrar o escrito e os aspectos sociodiscursivos, composicionais e lingüísticos de cada modalidade sempre relacionados com os gêneros em questão.
- Oralizar o texto escrito, considerando-se as situações sociais em que tal tipo de atividade acontece, seus elementos paralingüísticos e cinésicos, dentre outros.
- Refletir sobre as variedades lingüísticas, adequando sua produção a esse contexto (BRASIL, 2018, p. 80).

Assim, a BNCC reitera a importante tarefa docente de suscitar entre os alunos uma reflexão sobre as variedades linguísticas, tanto no âmbito da escrita quanto no da oralidade, de maneira contextualizada.

Sendo assim, este trabalho, subsidiado por uma discussão sobre as crenças e as atitudes linguísticas de alunos e professores da EJA, sobre a variação linguística no ensino de LP, pretende proporcionar um olhar analítico acerca dos possíveis resultados, viabilizando somar-se a trabalhos em Sociolinguística e ensino em um nível escolar provavelmente tão pouco estudado e também possibilitando que as pesquisas científicas dessa natureza possam chegar às instituições de Educação Básica.

3 METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado por meio da aplicação de questionários sobre crenças e atitudes linguísticas em relação à variação linguística e ao ensino de Língua Portuguesa, respondidos por uma professora e por alunos da EJA. Este nível escolar foi selecionado uma vez que permanece, entre os demais, como o mais excluído, conforme discussão realizada anteriormente. Ressalta-se que esse estudo teve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Unipampa, com o parecer de nº 5.177.586.

A instituição de ensino onde foi realizado o estudo é uma escola estadual da rede pública de ensino, localizada na região central da cidade de Rosário do Sul - RS, que atende todo o Ensino Fundamental e a Educação de Jovens e Adultos, na modalidade do Ensino Médio. Segundo a direção da escola, os alunos que estudam na EJA, em sua maioria, pertencem às camadas mais populares e são residentes dos bairros periféricos do município. Os participantes da pesquisa compõem um número total de 12, sendo 11 alunos de turmas equivalentes ao 1º ano e ao 3º ano do Ensino Médio e uma professora, docente da disciplina de Língua Portuguesa na EJA.

Os questionários eram diferentes, especificamente um direcionado à professora e outro direcionado aos alunos, e constituídos de duas partes. A primeira tinha por objetivo coletar dados gerais sobre o participante da pesquisa, como idade, sexo/gênero, naturalidade, profissão (se aluno), tempo de atuação no ensino de Língua Portuguesa, formação complementar (se professor). A segunda parte do questionário foi constituída por questões dissertativas para respostas abertas, por ser o trabalho de caráter qualitativo. Nessa segunda parte, os participantes responderam a perguntas relacionadas às suas crenças e atitudes linguísticas no que diz respeito à variação linguística no ensino de LP na educação básica.

Houve dois momentos² em que foram respondidos os questionários. Num primeiro momento a professora enviou o questionário respondido em documento *Word*, via rede de *Whatsapp*, e duas alunas enviaram suas respostas, também via *Whatsapp*, em foto digitalizada de respostas escritas à caneta em folha de caderno. Já num segundo momento o questionário foi aplicado, de forma presencial, ao restante dos alunos participantes em período de uma hora/aula, na escola em que frequentam. Os questionários estão dispostos nos apêndices I e II, respectivamente o questionário proposto à professora e o questionário proposto aos alunos.

Quanto ao perfil dos participantes, a maioria é do sexo feminino. Incluindo a professora, o total é de sete participantes mulheres. Quatro participantes são do sexo masculino, e um participante não preencheu seus dados. A faixa etária dos alunos é bem variada, vai desde 18 anos até 40 anos de idade, contudo a maior parte (sete participantes) se concentra na faixa mais jovem, entre 18 e 22 anos. Todos os participantes nasceram no estado do Rio Grande do Sul, sendo a maioria (oito participantes) natural da cidade de Rosário do Sul - RS, duas participantes nascidas em Sant'Ana do Livramento - RS e uma participante natural de Cruz Alta - RS. A respeito das profissões dos alunos, duas participantes declararam serem "Do Lar", um participante estava desempregado, duas participantes preencheram "estudante" no campo profissão; um participante é eletricista automotivo, outro eletricista, um padeiro e uma atendente; dois participantes não declararam sua profissão.

Sobre os dados da professora, ela tem 53 anos de idade e é natural da cidade de Sant'Ana do Livramento - RS. Possui duas licenciaturas, sendo uma em Pedagogia, obtida em 1992, e outra em Letras - Português, obtida em 2010. É pós-graduada com uma especialização em Língua Portuguesa e uma em Supervisão e Orientação. E seu tempo de experiência em sala de aula é de 25 anos.

Quanto à análise das respostas obtidas na segunda parte do questionário, buscou-se apresentar semelhanças e diferenças entre as crenças e atitudes da

² Inicialmente houve a pretensão de os questionários serem aplicados diretamente na escola, no período de 1 hora/aula. Entretanto, o trabalho foi aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa da Unipampa somente no final do ano letivo escolar de 2021, em meados de dezembro. Nesse período, os alunos já não estavam mais frequentando as aulas, pois a maioria deles já estava aprovada. Sendo assim, foi proposto aos alunos da EJA participarem da pesquisa realizando os questionários de maneira remota, através do uso da rede *Whatsapp*, por essa ferramenta ser de maior acesso entre eles. Contudo, somente a professora e duas alunas participaram da pesquisa nesse contexto. Então, num segundo momento, os questionários foram aplicados somente no início do ano letivo escolar de 2022, em fevereiro. Nesse período, foi aplicado o questionário aos alunos em horário de aula.

docente e dos discentes participantes da pesquisa, bem como mostrar possíveis diferentes crenças e atitudes num mesmo contexto escolar, haja vista que todos os alunos participantes da pesquisa pertencem à EJA, estudam em uma mesma escola e têm aulas de Língua Portuguesa com a mesma professora, sendo a grande maioria desses estudantes da mesma turma. Para tanto, as questões foram agrupadas em: crenças sobre LP e gramática; crenças envolvendo as modalidades oral e escrita da língua; atitudes linguísticas diante de variantes não padrão; e questionamentos específicos para a docente sobre o ensino de LP, variação linguística e sua relação. A razão de algumas das questões³ pertencentes aos questionários não constarem na análise dos resultados é devida à ausência de dados, seja pela falta de justificativa da resposta, seja pela não pertinência da resposta à pergunta - que por vezes não estava de acordo com o objetivo da pergunta, conforme por exemplo a resposta em *“Aprender melhorar para futuro”* correspondente à questão sobre o que é aprender a Língua Portuguesa - seja pelo uso de respostas vagas ou excessivamente generalizadas.

³ Questões de nº 7, nº 9 e nº 10, do questionário dos alunos; e questões de nº 5, nº 7 e nº 12, do questionário da professora.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Conforme o que já foi afirmado na metodologia, foram propostas perguntas nos questionários que possibilitassem ao participante escrever respostas mais abertas, sem que houvesse a pretensão de se fazer uma avaliação do que seria uma resposta certa ou errada.

As questões apresentadas nas três figuras que seguem são referentes a crenças dos alunos e da professora sobre a língua e a gramática.

A Fig. 1 apresenta a primeira pergunta, comum tanto aos questionários aplicados para os alunos, quanto ao questionário aplicado para a professora.

Figura 1 - Questão sobre o Português ser uma língua difícil

1. Para você o Português é uma língua difícil? Justifique sua resposta.

Fonte: o autor

As justificativas das respostas dadas a esta questão foram bem variadas, entretanto uma expressiva parte dos alunos divergiu da resposta dada pela professora, a qual foi *“Sim. Nossa Língua Portuguesa apresenta muitas regras e, ainda mais as exceções dessas mesmas regras”* (Professora, 53). Para a maioria dos alunos (8 estudantes), a resposta foi que o português não é uma língua difícil, incluindo justificativas como *“porque é uma língua que nós praticamos todos os dias”* (F, 22, Atendente); *“porque nós já nasceu no Brasil”*⁴ (M, 18, Eletricista automotivo); e *“só devemos saber bem as regras e as exceções dessas regras”* (F, 39, Do lar). É interessante atentar ao fato de que esta última justificativa se aproxima daquela dada pela professora, porém com pretensão de explicar o oposto entre aquilo que acredita a docente e o que acredita a aluna. Isto é, nas palavras da professora, por a Língua Portuguesa apresentar muitas regras, é isso que a torna difícil; em contrapartida, somente saber as regras e suas exceções permite, segundo essa aluna, que o Português não seja uma língua difícil. Ainda sobre esse questionamento, os participantes que responderam “sim” tiveram justificativas como *“a língua portuguesa é considerada uma das mais difíceis que existem, por ser*

⁴ A transcrição das respostas manteve a exata forma como elas foram escritas pelos participantes.

repleta de regras” (40, F, Estudante); *“É basicamente a língua mais difícil do mundo até mesmo para nós que nascemos no Brasil”* (M, 19, Padeiro).

A Fig. 2 mostra a questão de nº 2, comum tanto ao questionário aplicado para os alunos, quanto ao questionário aplicado para a professora.

Figura 2 - Questão sobre o que é ter o domínio da Língua Portuguesa

2. O que é ter o domínio da Língua Portuguesa?

Fonte: o autor

Sobre essa segunda questão, presente nos dois questionários, a maioria dos alunos (nove discentes) ou não respondeu ou forneceu uma resposta que não era clara de acordo com o que foi perguntado, assim cabendo uma reflexão sobre a possível necessidade de reformulação da questão para que esta fosse respondida de maneira clara e com pertinência. Das respostas, somente três foram selecionadas para uma possível análise. Trata-se das respostas de duas alunas e da professora.

- (1) *“Ter a dicção (fala) correta e pronuncia”* (F, 31, Do Lar)
- (2) *“Não só a fala, mas a escrita também, conhecer as gírias e os sotaques e, acredito eu que ter uma boa fala e entendimento, se não perfeito, quase”* (F, 18, Estudante)
- (3) *“Ter domínio da Língua Portuguesa é saber transmitir a mensagem com clareza, e ser entendido com sucesso.”* (Professora, 53)

As três respostas são bem distintas umas das outras. Em (1), a discente restringe o domínio da LP somente à oralidade ou, pelo menos, não cita a escrita como um fator influente no domínio da língua materna. Está presente também nessa resposta a noção do “certo” na língua. Já em (2), a resposta da aluna contempla tanto o domínio da escrita, quanto da fala. Também é mencionada a questão de se conhecer gírias e sotaques, o que nos mostra que para essa aluna o domínio da língua materna não se restringe a saber o que é certo ou errado de acordo com as prescrições da gramática normativa, mas também conhecer as variedades linguísticas. Contudo, ao final da resposta o seu enunciado ainda denota uma visão

também mais tradicional quanto à língua, através do uso de “perfeito”, o qual pode direcionar para a noção de “correto”. E para a professora, em (3), o domínio da LP está restrito à eficiência com que se transmite a mensagem, centralizando-se o domínio da língua na prática da comunicação.

A Fig. 3 apresenta a questão de nº 3, comum aos dois questionários.

Figura 3 - Questão sobre o que é gramática

3. O que é gramática?

Fonte: o autor

Com relação a esta questão, somente dois participantes (discentes) não responderam. As respostas dos participantes alunos foram de acordo com a mesma linha pensada pela professora. Existiram entre as respostas uma noção de que “gramática” está relacionada a uma prescrição de regras, muito próxima ao que é visto predominantemente no ensino tradicional de Língua Portuguesa na escola. Pode-se ver essa noção em alguns dos exemplos abaixo.

- (4) *“É o conjunto de mais como verbos, regência, concordância, ortografia, etc.”*
(M, 19, profissão não identificada)
- (5) *“Conjunto de prescrições e regras que determinam o uso considerado correto da língua escrita e falada.”* (M, 20, Eletricista)
- (6) *“A gramática tem como principal função regular a linguagem e estabelecer padrões de escrita e fala para os falantes de uma língua.”* (M, 18, Eletricista automotivo)
- (7) *“A escrita correta e da acentuação das palavras.”* (F, 31, Do lar)
- (8) *“Gramática são as prescrições da morfologia e sintaxe de uma língua escrita ou falada.”* (Professora, 53)

Isso de certa maneira, e nesse contexto escolar, confirma que o significado da palavra “gramática” está muito associado ao que é difundido não só na maior parte das escolas e em muitos materiais didáticos, mas também entre muitos indivíduos da sociedade brasileira, ou seja, a crença de que o conceito de gramática está atrelado a uma noção tão somente relacionada à normatividade de uma língua.

As questões expressas nas figuras 4 a 8 referem-se ao grupamento de crenças envolvendo as modalidades oral e escrita da língua.

A Fig. 4 mostra questões relacionadas ao domínio da oralidade e escrita, questionamentos presentes nos questionários da professora e dos alunos.

Figura 4 - Questões sobre domínio da oralidade e escrita

- 4. Você fala bem Português? Justifique sua resposta.** (questionários dos alunos - referente à questão nº 9 do questionário da professora)
- 5. Você escreve bem em Português? Justifique sua resposta.** (questionários dos alunos - referente à questão nº 10 do questionário da professora)

Fonte: o autor

Entre os alunos participantes, ficou constatado que, pelas suas respostas, alguns deles afirmam que existe uma diferença no domínio das modalidades escrita e oral da língua. Alguns estudantes confirmaram que falam bem Português, mas não escrevem bem Português e vice-versa, conforme pode-se visualizar nos exemplos (9) e (15); (10) e (16); (11) e (17); (12) e (18); (13) e (19); e (14) e (20), o que pode ser visualizado na Figura 5.

Figura 5 - Quadro comparativo de respostas correspondentes à oralidade e à escrita

Respostas “Você fala bem Português? Justifique.”	Respostas “Você escreve bem Português? Justifique.”
(9) <i>“Sim, porém tem algumas palavras que eu tenho uma certa dificuldade para falar.”</i> (F, 19, profissão não identificada)	(15) <i>“Não tem umas (palavras) que eu enrolo.”</i> (F, 19, profissão não identificada)
(10) <i>“Acredito que sim, mas não perfeitamente pois tenho alguns vícios de linguagem.”</i> (F, 18, Estudante)	(16) <i>“Mais ou menos, não sei usar corretamente vírgulas e as vezes confundo algumas letras.”</i> (F, 18, Estudante)
(11) <i>“Mais ou menos, tem umas certas frases do dia a dia que as vezes sai errado [...]”</i> (M, 20, Eletricista)	(17) <i>“Eu particularmente acho que sim, mas sempre tem algo para se aprender.”</i> (M, 20, Eletricista)
(12) <i>“Eu não falo o português como ele deve ser falo por causa do uso de gírias é mais uma linguagem informal.”</i> (M, 19, Padeiro)	(18) <i>“Eu diria que minha caligrafia é o básico do básico as vezes faltam ponto, vírgula.”</i> (M, 19, Padeiro)
(13) <i>“Mais ou menos as vezes vejo que falo algumas coisas erradas no dia-dia.”</i> (F, 22, Atendente)	(19) <i>“Sim escrevo por motivo do meu serviço aprendi a escrever melhor.”</i> (F, 22, Atendente)
(14) <i>“Eu acho que sim porque falar bem o português é falar com clareza de uma forma educada e culta.”</i> (F, 40, Estudante)	(20) <i>“Acho que não porque sempre teremos erros em português.”</i> (F, 40, Estudante)

Fonte: o autor

Está muito presente, em alguns dos participantes, a crença de que o Português “correto” é uma língua ideal a ser alcançada, como podemos ver nos exemplos (11), (13) e (20), uma vez que existe nas respostas a noção de “erro”. Isso significa que a língua que falamos ou escrevemos não é suficiente para demonstrar nosso domínio linguístico nas relações cotidianas, trazendo uma percepção de que falamos ou escrevemos errado em Português, muito provavelmente em função da noção de que a gramática normativa é a “língua ideal” a ser dominada. Desse modo, infelizmente essa crença do “erro” em Português acaba por dificultar o trabalho no ensino da Língua Portuguesa, já que se assume uma noção de língua homogênea e sem variação.

Além disso, outro aspecto importante a ser pontuado, ainda sobre falar bem e escrever bem Português, é a resposta dada pela aluna no excerto (19), em que sua justificativa para a resposta positiva sobre escrever bem Português se deve ao seu “serviço” (trabalho/emprego). Essa resposta reflete parte do contexto dos alunos da EJA, que muitas vezes já estão inseridos no mercado de trabalho e optam por concluir o Ensino Médio. Sendo assim, ter certo domínio da norma culta, seja na escrita ou na fala, não raras vezes, acaba por fazer parte do cotidiano do trabalho desses jovens e adultos.

A Fig. 6 apresenta a questão de nº 6, presente tanto no questionário da professora, quanto no questionário dos alunos.

Figura 6 - Questão sobre adequação de uso de determinada expressão na fala e na escrita

6. Observe as duas situações descritas abaixo e responda ao que é solicitado.

A. Em sala de aula, a professora pergunta à aluna:

- **Tu conseguiu** fazer o dever de casa?

- Sim, professora - responde a aluna.

O termo usado em destaque é adequado nessa situação de fala? Justifique sua resposta.

B. Em outra situação, em uma conversa no Whatsapp, a professora pergunta a uma aluna:

“**Tu conseguiu** resolver o exercício proposto na aula de hoje cedo?”

“Sim, professora. Consegui!”, responde a aluna.

O termo usado em destaque é adequado nessa situação de escrita? Justifique sua resposta.

(questionário dos alunos - referente à questão nº 13 do questionário da professora)

Fonte: o autor

A questão nº 6 do questionário dos alunos (questão nº 13 do questionário da professora) tinha a intenção de verificar se entre o grupo de participantes havia a crença de possível distinção na adequação do uso do pronome “tu” sem a marca de segunda pessoa do singular no verbo - realização muito utilizada no estado do Rio Grande do Sul - ora na fala, ora na escrita, em contexto de menos formalidade. A maioria dos participantes (sete alunos), incluindo a professora, não apontou sobre uma possibilidade de variação, como construções iguais a “tu conseguiu”, “você conseguiu”, que são equivalentes. Para a maioria dos questionados, o adequado seria somente “você conseguiu” em ambos os casos, tanto na fala (exemplos em “a”), quanto na escrita (exemplos em “b”), conforme podemos ver em alguns dos exemplos abaixo.

(21a) “*Não. Pois o correto seria: você conseguiu fazer o dever de casa? Tu é uma gíria que gaúchos falam ao invés de você.*” (F, 31, Do Lar)

- (21b) *“Não. Correto seria: Você conseguiu resolver o exercício proposto na aula de hoje cedo?”* (F, 31, Do Lar)
- (22a) *“Seria: você conseguiu, portanto o certo é ‘você’.”* (M, 20, Eletricista)
- (22b) *“Não, seria ‘você’.”* (M, 20, Eletricista)
- (23a) *“Tu não seria resposta certa. Seria você.”* (Participante-aluno(a) sem dados)
- (23b) *“O termo usado seria você o que é certo.”* (Participante-aluno(a) sem dados)
- (24a) *“Não é adequado.”* (Professora, 53)
- (24b) *“Não é adequado.”* (Professora, 53)

Através dos exemplos (21a), (21b), (22a), (23a) e (23b), em que existe o uso de termos como “correto” e “certo”, o que possivelmente reforça a noção da crença de “certo” e “errado” na língua, pode-se atestar que para esses participantes não há possibilidade da realização da variante do pronome “tu” acompanhado de verbo sem marca de segunda pessoa do singular, implicando a construção desse tipo como “errada”. Portanto, segundo o que se pode visualizar nos exemplos citados, para esses participantes não existe variação possível com construções como “tu conseguiu”, em situações menos formais de oralidade e/ou escrita - ainda que, muito provavelmente, essa seja a construção adotada pelos alunos em contextos semelhantes a esses -, o que se pode atestar também através das respostas da professora nos exemplos (24a) e (24b), que prefere utilizar o termo “adequado”.

Ainda sobre essa questão, para somente duas alunas, houve uma diferença entre a adequação da construção como “tu conseguiu” na oralidade (exemplos em “a”) e na escrita (exemplos em “b”), possibilitando-se essa produção somente na oralidade, como se visualiza nos exemplos.

- (25a) *“Sim.”* (F, 22, Atendente)
- (25b) *“Para mim seria o certo ‘você’.”* (F, 22, Atendente)
- (26a) *“Acho que nessa situação taria certo porquê eu perguntaria assim.”* (F, 40, Estudante)
- (26b) *“Neste caso acho que não porque eu escreveria você conseguiu.”* (F, 40, Estudante)

À vista dos exemplos (25ab) e (26ab), existe a possibilidade de uma crença que visualize a língua oral como podendo ser mais flexível com construções em desacordo com a norma-padrão, enquanto a língua escrita se mostra mais propensa a obedecer estritamente às construções da norma-padrão. Além disso, em (26a), segundo o que se pode visualizar no exemplo, se essa é a maneira como a participante fala, então a construção está correta, o que revela indícios de segurança linguística.

Além do mais, uma única resposta de um aluno manifestou com clareza a existência de viabilidade de variação no uso de pronome “tu” e “você” com verbos sem desinência de número/pessoa. Na sua resposta à questão nº 6(a), ele confirma que o termo usado em destaque é adequado na situação de fala e justifica dizendo:

(27) “[...] *mas poderia ser também - você conseguiu fazer o dever de casa.*” (M, 18, Desempregado)

A Fig. 7 mostra o questionamento sobre o nível de formalidade na língua escrita e na língua falada, presente em ambos os questionários.

Figura 7 - Questões sobre o nível de formalidade da modalidade de língua escrita em relação à modalidade de língua falada

8. Você acha que a modalidade de língua escrita é mais formal que a modalidade de língua oral? Por quê? (questionário dos alunos - referente à questão nº 6 do questionário da professora)

Fonte: o autor

No que diz respeito à crença de que a modalidade de língua escrita possa ser mais formal que a modalidade de língua oral (questão nº 8 - questionário alunos; questão nº 6 - questionário professora), para um pouco mais da metade dos participantes discentes (seis alunos) e para a professora, a língua escrita é mais formal que a língua oral, como podemos ver na resposta da docente.

(28) “*A língua escrita é mais formal, busca o rígido das regras normativas.*” (Professora, 53)

Entre as respostas dos alunos, temos os dois exemplos abaixo, opostos entre si.

(29) *“Sim. Porque na língua oral temos que somente pronunciar, e na língua escrita, tem que saber escrever corretamente.”* (F, 31, Do Lar)

(30) *“Não, as duas tem suas gírias que deixam menos formal, depende de como a pessoa escreve ou fala...”* (F, 18, Estudante)

Como se pode visualizar na resposta da professora em (28), existe ali de maneira clara a crença de que há uma diferença do nível de formalidade entre a fala e a escrita, sendo a escrita mais formal por estar mais de acordo com as regras da gramática normativa, como se pode interpretar a partir da expressão “regras normativas” que a docente usou. Além disso, através de sua resposta, como uma possível interpretação, pode-se afirmar que para a professora na língua escrita não há variação, uma vez que a escrita “busca o rígido das regras normativas”.

Outro aspecto importante ainda sobre essa questão é o que está expresso no contraste das respostas dos exemplos (29) e (30), que, respectivamente, afirmam que (i) o nível de formalidade é mais alto na língua escrita, pois ela está associada ao “correto”, ao passo que (ii) os níveis de formalidade entre a língua oral e escrita não são distintos, uma vez que, por existirem gírias nas duas modalidades, elas podem ser menos formais. É importante destacar o uso pela aluna do termo “gírias” em (30) que são exemplos de variação linguística, seja na oralidade ou na escrita. Dessa maneira, existem, através dos exemplos citados, pelo menos duas crenças: a crença de que a língua escrita se limita somente ao que está “correto”, portanto não admite variação; e a crença de que tanto a língua falada, quanto a língua escrita, possuindo gírias, admitem variação.

A Fig. 8 mostra a questão referente à possível diferença no uso de construções linguísticas na fala e na escrita, que está presente no questionário da professora e no questionário dos alunos.

Figura 8 - Questões sobre diferença de construções linguísticas na fala e na escrita

11. Leia as duas frases abaixo:

A. “Amanhã farei o trabalho da escola.”

B. “Amanhã vou fazer o trabalho da escola.”

Qual(is) das frases você utilizaria na escrita?**Qual(is) das frases você utilizaria na fala?****Qual das frases você julga mais correta?** (questionário dos alunos - referente à questão nº 15 do questionário da professora)

Fonte: o autor

Ainda a respeito de possíveis diferenças no tratamento de construções linguísticas ora na fala, ora na escrita, seis alunos responderam que utilizariam na escrita a construção expressa em A, na fala, a construção expressa em B, e julgaram como a frase mais correta o que está expresso em A. Dois alunos acompanharam a resposta da professora, marcando o que se expressa em A nas três perguntas. E três alunos não responderam a questão referida. Vale ressaltar que nenhum dos participantes respondeu com a possibilidade de as duas construções pertencerem a seu uso tanto na fala, quanto na escrita. Além do mais, é possível afirmar que, para a maior parte dos participantes, existe uma distinção no tratamento da oralidade e da escrita em construções iguais às expressas na questão referida. Uma possível interpretação nesse sentido é a de que exista a crença de uma diferença no nível de formalidade da escrita e da fala, e, vale lembrar que, através das respostas de qual seria a construção mais correta, todos os participantes escolheram a construção que seria a única forma de produção na perspectiva da maioria das gramáticas normativas.

A Fig. 9 apresenta duas perguntas sobre atitudes linguísticas, questionamentos presentes tanto no questionário da professora, quanto no questionário dos alunos. As questões apresentadas estão relacionadas a atitudes linguísticas diante de variantes não padrão.

Figura 9 - Questões sobre atitudes linguísticas

12. Se seu/sua colega de turma falar durante determinada aula: - A gente já fizemo a tarefa, professor(a)!, qual sua reação diante dessa situação?
13. O que você faria/falaria se um(a) colega dissesse, durante uma aula de língua portuguesa: - Professor(a), já fiz os bagulho que a sra. pediu!(questionário dos alunos - referente às questões nº 16 e nº 14 adaptadas para o questionário da professora)

Fonte: o autor

No que diz respeito às questões que abordam a atitude linguística diante de construções linguísticas não consonantes com o que prescreve a norma-padrão (questões nº 12 e nº 13 - questionário dos alunos; questões nº 14 e nº 16 - questionário da professora), entre os que responderam⁵ a questão, alguns alunos afirmaram que reagiriam frente ao contexto da questão proposta de maneira a corrigir o(a) colega ou dizendo que o(a) colega falou errado, com exceção de (35), conforme vemos em alguns dos exemplos abaixo (os exemplos de (31) a (33) se referem à questão nº 12, e os exemplos de (34) a (36) se referem à questão nº 13).

(31) *“Falaria para ela que está errada.”* (F, 22, Atendente)

(32) *“A minha reação seria corrigir.”* (M, 18, Desempregado)

(33) *“Eu falaria para ela que ela falou errado, pois é com os erros que a gente aprende.”* (F, 40, Estudante)

(34) *“Eu iria corrigir.”* (M, 18, Desempregado)

(35) *“Eu ia achar graça.”* (F, 39, Do Lar)

(36) *“Pediria para não falar desse jeito.”* (F, 22, Atendente)

Vale ressaltar que a atitude relatada pela aluna no exemplo que segue, em (37), demonstra que a estudante, diferentemente do que se expressa nos exemplos anteriores, não teria a reação de corrigir o(a) colega, pois acredita que o uso da expressão “os bagulho” é uma possível produção em Português Brasileiro.

(37) *“Nada, acho que nesse caso é apenas uma giria comum.”* (F, 18, Estudante)

⁵ Quatro alunos não responderam a questão nº 12 e dois alunos não responderam a questão nº 13.

Ainda sobre as questões de atitude linguística já mencionadas (questões nº 14 e nº 16 - questionário da professora), lendo as respostas da professora, vemos que a docente divergiu um pouco do que foi expresso pela maioria dos alunos nos exemplos anteriores. Conforme podemos ver na resposta da questão nº 14 (questionário da professora), expressa em (38):

(38) *“Solicitaria que apresentasse para a turma o resultado de seu ‘trabalho’, ‘tema’ ou ‘tarefa’.”* (Professora, 53),

a professora não age no sentido direto de corrigir a expressão utilizada, contudo mostra novas possibilidades de se falar o mesmo, apresentando, de maneira indireta, possíveis variantes para se expressar a mesma situação que a questão demonstra. Na resposta da questão nº 16 (questionário da professora), a docente agiria de modo que houvesse em primeiro lugar o respeito entre colegas de turma, destacando a importância de se ouvir, sem avaliar, como está expresso no seguinte excerto:

(39) *“Destacaria a importância do ouvir a mensagem sem, necessariamente, criticar ou avaliar. O respeito é primordial, sempre.”* (Professora, 53)

As questões que seguem expressam questionamentos específicos para a docente sobre o ensino de LP, variação linguística e sua relação

A Fig. 10 apresenta a questão relacionada à maneira de falar do professor em sala de aula, utilizando-se ou não a norma da gramática normativa, pergunta presente somente no questionário da professora.

Figura 10 - Questão sobre se o professor deve falar de acordo com a norma da gramática nas aulas de Língua Portuguesa

8. Você acha que o professor deve falar de acordo com a norma da gramática nas aulas de LP? Justifique sua resposta.

Fonte: o autor

No presente questionamento específico do questionário da professora, a docente responde afirmando que o professor deve falar de acordo com a norma da gramática nas aulas de LP, justificando como está expresso em (40).

(40) *“Com certeza, a linguagem falada reforça o aprendizado das regras normativas”* (Professora, 53)

Dessa forma, para a professora, na sala de aula, falar de acordo com as regras da gramática normativa reforçaria o aprendizado dessas regras prescritas. De igual maneira, seria essa a justificativa para o uso de uma linguagem mais artificial baseada nos usos correspondentes ao que prescrevem as gramáticas normativas.

A Fig. 11 apresenta as questões de nº 4, nº 11 e nº 17, presentes somente no questionário da professora.

Figura 11 - Questões sobre a relação da variação linguística e do ensino de Língua Portuguesa

- 4. Com que frequência o tema da variação linguística está presente nas suas aulas?**
- 11. Quais assuntos podem ser abordados em uma aula que contemple a variação linguística?**
- 17. Discorra sobre: quais os desafios para um ensino de língua que leve em consideração a variação linguística?**

Fonte: o autor

A respeito das questões referentes diretamente à relação entre a variação linguística e o ensino de LP (presentes somente no questionário da professora), temos como resposta da questão nº 4 o que está escrito no seguinte excerto:

(41) *“Quase sempre.”* (Professora, 53)

Nesse sentido, em relação à frequência da presença do tema da variação linguística nas aulas (questão nº 4), a professora responde somente “quase sempre”, sem muitos detalhes, como expresso no excerto (41).

Já em relação a quais assuntos poderiam ser abordados em uma aula que contemple a variação linguística (questão nº 11), a docente responde com exemplos

de marcas de oralidade, dialeto e neologismos, também sem detalhar sobre quais seriam essas marcas de oralidade, por exemplo, conforme o que está no seguinte trecho.

(42) *“Marcas de oralidade, dialeto, neologismos, entre outros.”* (Professora, 53)

E por fim, a respeito de quais os desafios para um ensino de língua que leve em consideração a variação linguística (questão nº 17), a professora apenas menciona que existem muitos desafios, porém destaca também a importância do trabalho com variação linguística para que permita ao aluno perceber a dinamicidade da língua, conforme expresso no seguinte excerto.

(43) *“São inúmeros os desafios encontrados pelo professor de Língua Portuguesa, em relação as variações linguísticas. Mas, é importante que se promova a integração, para que os alunos consigam entender essas diferenças, percebendo que nossa língua é viva e está em constante transformação.”* (Professora, 53)

Em termos gerais, podemos perceber que, pela variedade de respostas, ainda que num pequeno grupo de participantes, existem no interior deste grupo diferentes crenças sobre a língua e sobre sua relação com o ensino, e ainda prevalece, pelo que se observa na maioria das respostas, a noção de língua “correta”. Poucas respostas permitiram a interpretação de uma crença que veja a variação dentro da Língua Portuguesa, o que evidencia a necessidade de uma ampliação do debate sobre o ensino de língua que permita aos alunos poderem visualizar a sua língua materna como heterogênea.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da apresentação e análise dos resultados, pôde-se evidenciar com este trabalho que, apesar de ser aplicado através de questionários a um número pequeno de participantes, existe uma heterogeneidade de crenças linguísticas, como visto nas diferentes respostas. Entretanto, a noção de “certo” e “errado” ainda esteve bem presente na maior parte das respostas, incluindo noções de correção linguística. Isso revela que, ainda que num contexto tão específico, como uma parcela pertencente a duas turmas de EJA, de uma escola do município de Rosário do Sul - RS, prevalece de certa maneira a crença de que o Português é uma língua homogênea.

Nesse mesmo sentido, a noção de variação linguística, mesmo que de forma implícita ou explícita, entre os alunos, praticamente não existiu, já que grande parte das respostas demonstravam uma preocupação com a correção gramatical, provavelmente baseada nas prescrições da gramática normativa. Somente em três respostas ficou evidente a interpretação da possibilidade de uma Língua Portuguesa que possui variação, como visto nos exemplos de (27), (37) e (38).

Além do mais, como uma possibilidade de continuidade do estudo, a ampliação expressiva do número de participantes pode mostrar uma possível influência de variáveis de sexo/gênero, profissão e idade nos resultados, assim como o uso de uma metodologia com base etnográfica pode permitir uma melhor análise da influência dessas variáveis nos dados coletados.

Por fim, é importante ressaltar a relevância da discussão sobre a variação linguística no ensino de língua portuguesa, através também do trabalho com crenças e atitudes linguísticas. Dessa maneira, a ampliação do debate nesse sentido permite efetivo desenvolvimento do trabalho no ensino da Língua Portuguesa como uma língua heterogênea e dinâmica, que possui variação e está em constante mudança. Assim sendo, no contexto escolar os alunos poderão visualizar a sua língua materna de maneira viva, com constante mudança e que varia, para que esses estudantes possam acessar os mais diversos espaços sociais e para que na sociedade diminua o preconceito linguístico, que infelizmente ainda é legitimado socialmente.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, M. A educação de Jovens e Adultos em tempo de exclusão. *In*: VÓVIO, C. L.; IRELAND, T. D. (orgs.). **Construção coletiva**: contribuições à educação de jovens e adultos. Brasília: UNESCO, MEC, RAAB, 2008. p. 221-241.
- BARCELOS, A. M. F. Crenças sobre aprendizagem de línguas, *Linguística Aplicada e ensino de línguas*. **Revista Linguagem & Ensino**, v. 7, n. 1, p. 123-156, 2004.
- BARCELOS, A. M. F. Cognição de professores e alunos: tendências recentes na pesquisa de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. *In*: BARCELOS, A. M. F.; VIEIRA-ABRAHÃO, M. H. (orgs.). **Crenças e ensino de línguas**: foco no professor, no aluno e na formação de professores. Campinas: Pontes, 2006. p. 15-41.
- BARCELOS, A. M. F. Reflexões acerca da mudança de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 109-138, 2007.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**: a sociolinguística em sala de aula São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BOTASSINI, J. O. M. A importância dos estudos de crenças e atitudes para a sociolinguística. **Signum**: Estudos da Linguagem, v. 18, n. 1, p. 102-131, 2015.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018.
- COELHO, I. L. *et al.* **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2020.
- COSTA, M. M. C. 2019. 143 f. **Crenças e atitudes linguísticas de professores de língua portuguesa**: a variação linguística na oralidade. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2019.
- CYRANKA, L. A pedagogia da variação linguística é possível? *In*: ZILLES, A. M. S. *et al.* **Pedagogia da variação linguística**: língua, diversidade e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 31-51.
- CYRANKA, L. Avaliação das variantes: atitudes e crenças em sala de aula. *In*: MARTINS, M. A.; VIEIRA, S. R.; TAVARES, M. A. (orgs.). **Ensino de português e sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2021.
- FARACO, C. A. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L. Variação linguística e ensino de gramática. **Working papers em Linguística**, v. 10, n. 1, p. 73-91, 2009.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008[1972].

LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. O significado Social das atitudes. *In*: LAMBERT, W. W.; LAMBERT, W. E. **Psicologia Social**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968. p. 76-106.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. *In*: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). **Introdução à Sociolingüística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2017. p. 9-14.

MOLLICA, M. C. Relevância das variáveis não linguísticas. *In*: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). **Introdução à Sociolingüística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2017. p. 27-31.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

PAIVA, M. C. A variável gênero/sexo. *In*: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). **Introdução à Sociolingüística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2017. p. 33-42.

APÊNDICE A — Questionário para professor(a)

Dados sobre o(a) professor(a):

Idade:

Sexo/Gênero:

Naturalidade:

Formação -

Graduação:

Instituição de ensino que concluiu a graduação:

Ano de conclusão:

Pós-graduação:

Tempo de experiência em sala de aula como docente:

1. Para você o Português é uma língua difícil? Justifique sua resposta.
2. O que é ter o domínio da língua portuguesa?
3. O que é gramática?
4. Com que frequência o tema da variação linguística está presente nas suas aulas?
5. Você acha que a modalidade de língua escrita deve ser prioridade em relação à modalidade oral nas aulas de Língua Portuguesa? Por quê?
6. Você acha que a modalidade de língua escrita é mais formal que a modalidade de língua oral? Por quê?
7. Para você, o que é ensinar Língua Portuguesa?
8. Você acha que o professor deve falar de acordo com a norma da gramática nas aulas de LP? Justifique sua resposta.
9. Você fala bem Português? Justifique sua resposta.
10. Você escreve bem em Português? Justifique sua resposta.

11. Quais assuntos podem ser abordados em uma aula que contemple a variação linguística?

12. Alguma vez, você já foi discriminado pelo uso da Língua Portuguesa na fala e/ou escrita? Comente sobre.

13. Observe as duas situações descritas abaixo e responda ao que é solicitado.

A. Em sala de aula, a professora pergunta à aluna:

- **Tu conseguiu** fazer o dever de casa?

- Sim, professora - responde a aluna.

O termo usado em destaque é adequado nessa situação de fala? Justifique sua resposta.

B. Em outra situação, em uma conversa no Whatsapp, a professora pergunta a uma aluna:

“**Tu conseguiu** resolver o exercício proposto na aula de hoje cedo?”

“Sim, professora. Consegui!”, responde a aluna.

O termo usado em destaque é adequado nessa situação de escrita? Justifique sua resposta.

14. O que você faria/falaria se um(a) aluno(a) dissesse, durante uma aula de língua portuguesa: - Professor(a), já fiz os bagulho que a sra. pediu!

15. Leia as duas frases abaixo:

A. “Amanhã farei o trabalho da escola.”

B. “Amanhã vou fazer o trabalho da escola.”

Qual(is) das frases você utilizaria na escrita?

Qual(is) das frases você utilizaria na fala?

Qual das frases você julga mais correta?

16. Um(a) aluno(a) usa a seguinte expressão em aula: - A gente já fizemo a tarefa, professor(a)! Nessa situação, há bastante deboche, risadas e chacota entre os colegas de turma. Qual seria sua atitude diante disso?

17. Discorra sobre: quais os desafios para um ensino de língua que leve em consideração a variação linguística?

APÊNDICE B — Questionário para alunos(as)

Idade:

Sexo/Gênero:

Naturalidade:

Profissão:

1. Para você o Português é uma língua difícil? Justifique sua resposta.
2. O que é ter o domínio da língua portuguesa?
3. O que é gramática?
4. Você fala bem Português? Justifique sua resposta.
5. Você escreve bem em Português? Justifique sua resposta.
6. Observe as duas situações descritas abaixo e responda ao que é solicitado.
 - A. Em sala de aula, a professora pergunta à aluna:
 - **Tu conseguiu** fazer o dever de casa?
 - Sim, professora - responde a aluna.O termo usado em destaque é adequado nessa situação de fala? Justifique sua resposta.
 - B. Em outra situação, em uma conversa no Whatsapp, a professora pergunta a uma aluna:
 - “**Tu conseguiu** resolver o exercício proposto na aula de hoje cedo?”
 - “Sim, professora. Consegui!”, responde a aluna.O termo usado em destaque é adequado nessa situação de escrita? Justifique sua resposta.
7. Qual modalidade você acha mais importante estudar nas aulas de Língua Portuguesa: a) Língua falada; b) Língua escrita; c) Ambas; d) Nenhuma. Justifique a sua resposta.

8. Você acha que a modalidade de língua escrita é mais formal que a modalidade de língua oral? Por quê?
9. Para você, o que é aprender a Língua Portuguesa?
10. Alguma vez, você já foi discriminado pelo uso da Língua Portuguesa na fala e/ou escrita? Comente sobre.
11. Leia as duas frases abaixo:
 - C. “Amanhã farei o trabalho da escola.”
 - D. “Amanhã vou fazer o trabalho da escola.”Qual(is) das frases você utilizaria na escrita?
Qual(is) das frases você utilizaria na fala?
Qual das frases você julga mais correta?
12. Se seu/sua colega de turma falar durante determinada aula: - A gente já fizemos a tarefa, professor(a)!, qual sua reação diante dessa situação?
13. O que você faria/falaria se um(a) colega dissesse, durante uma aula de língua portuguesa: - Professor(a), já fiz os bagulho que a sra. pediu!